



LIVRO 16 - MEU VELHO PAI, MEU AMANHÃ

Conto infanto-juvenil que se integra à fantasia natural e criatividade das crianças e dos jovens, divertindo, educando e somando para o desenvolvimento do caráter, valores morais, cidadania, consciência ecológica, valores de família, cultura, conhecimento, espiritualidade, respeito aos educadores, incentivo ao estudo, ordem e disciplina. Livro destinado a crianças e jovens que apreciam leituras inteligentes, sensíveis, culturais, educativas e temas da realidade social brasileira.

CONTO COM MAIOR CONTEÚDO LITERÁRIO, UM MELHOR EXERCÍCIO DE LEITURA.

Sinopse:

O livro relata episódios das relações cotidianas de pai e filho, em diferentes momentos e emoções, e o estreitamento desta relação alicerçada no amor e amizade. O pai descobre que se dedicou muito ao trabalho e não deu a devida atenção ao crescimento de seu filho, decidindo dar outro rumo à sua vida. O filho passa a vê-lo como seu ídolo maior, a força para enfrentar os em seus desafios, a inspiração para sua vida e o arquiteto na construção de seu futuro. Com o estreitamento das relações, o filho começa a preocupar-se com o processo de envelhecimento de seu pai, crescendo o sentimento de amor e temor de perda. Mas, uma maravilhosa lição de vida é transmitida pelo pai, através da riqueza de sabedoria que somente os velhos acumulam, transmitindo-lhe segurança e tranquilidade e possibilitando-lhe projetar o seu próprio amanhã.

J. J. Dacosta

Dedicatória

Dedico este trabalho a todos que dedicam parte de suas vidas para educar, de alguma forma, as crianças, com a missão e a crença de que nelas está a esperança de um mundo melhor.

Em especial, aos pais, professores e avós, triângulo básico da educação infantil.

Agradeço a Deus pela criança que Ele, ainda, permite existir em mim.

J. J. Dacosta

Esta é história de um curto período de minha vida em que eu, verdadeiramente, conheci meu pai e convivi com ele. Foi um período curto de minha vida, mas que marcou todo o meu futuro e resgatou valores de família que eu não tinha experimentado antes.

A imagem que eu tenho de meu pai quando criança é muito pouca, quase ausente. Mas, eu não entendia a razão e não me preocupava com isto. Toda minha vida girava em torno de minha mãe. Ela me levava à escola, à nataçã, às aulas de inglês e violão, ao shopping, às festas nas casas dos meus amigos, comprava o que eu precisava. Era ela que estava presente na escola no Dias das Mães, bem como no Dias dos Pais.

Eu já tinha me acostumado com isto. Eu via meu pai, geralmente, aos finais de semana e nem todos eles. Minha mãe procurava explicar que ele era um homem muito ocupado e estava batalhando na vida para assegurar o sustento de nossa família. Assim, minha infância foi marcada pela ausência de meu pai e uma total dependência de minha mãe.

Mas, um dia esta situação se inverteu de forma dramática e até divertida! E esta história de minha vida que vou contar a vocês.

Que meus pais formavam um casal curioso era visível e notório. Mas, eu fui me dar conta disto lá pelos meus 13 anos de idade, quando as crianças parecem entrar em uma idade em que são acometidas de um surto de timidez que as fazem sentir vergonha de tudo e perante todos.

Geralmente minha mãe era a responsável por me deixar na porta da escola e me pegar de volta. Mas, excepcionalmente, quando ela tinha um compromisso maior que a impedia, lá vinha meu pai substituí-la nesta tarefa, abandonando, por alguns momentos, os seus compromissos no escritório de consultoria.

E ele procurava fazer isto com muita satisfação e responsabilidade, apesar de não conseguir esconder que isto o estava tirando de inúmeros compromissos em seu atarefado escritório. As dezenas de empresas para as quais ele prestava consultoria administrativa não lhe davam folga no celular.

E foi nestas horas em que ele me apanhava na escola que eu comecei a perceber a diferença de idade entre o meu pai e minha mãe. Antes, sinceramente, eu não me dei conta! E tudo começou quando os meus amigos começaram a me perguntar:

- Edu, o seu avô veio lhe buscar?

- Ele ainda consegue dirigir na estrada?
- Como o seu avô vai fazer se um dia estourar um pneu? Ele vai conseguir trocar?
- Nossa, a sua mãe parece filha do seu pai! Ela é bem mais nova!

As colocações de meus amigos eram, de certa forma, natural. Minha mãe, com os seus 42 anos de idade, tinha uma apresentação de jovem, pelas roupas que vestia e pela forma como se tratava. Malhava todos os dias e não deixava de reservar um tempo para o instituto de beleza. Meu pai, com os seus 62 anos de idade, curti uma roupa mais descontraída e não se incomodava com sua barriguinha saliente e seus cabelos brancos. Assim, era notória a diferença de idade entre ambos.

Mas, isto nunca foi um diferencial negativo nas relações entre os dois, que sempre eram carinhosas, maduras e cercadas de muita atenção e respeito. Minha mãe o chamava carinhosamente de pai e ele a chamava, da mesma forma, de mãe. Estes apelidos foram dados por ocasião de meu nascimento e ficou até hoje.

Na verdade, meu pai era um homem voltado intensamente para o seu trabalho e para a família. Quanto mais queria fazer pela família, mais se aplicava no trabalho. Administrador de Empresa e Advogado, ele tinha um Escritório de Consultoria Administrativa e prestava serviços para diversas empresas, muitas multinacionais. Ele vivia em reuniões, jantares e viagens pelo Brasil e por outros países. Entretanto, o meu pai não tinha uma percepção da forma como era visto pelo pessoal da escola, até que um dia, em um sábado de manhã...

- Por favor, senhora. Eu vim buscar o Edu.
- O senhor é o que dele? O avô?
- Não, senhora. Eu sou o seu pai.
- Ah, não parece! Qual a turma em que ele estuda?
- Bem, na verdade, eu não sei. Geralmente é minha esposa quem cuida disto.
- Ah, entendo. Qual o nome da professora do seu filho?

- Desculpe, também não sei. Nunca ocorreu de ouvir o nome dela em casa.
- Hoje ele está em prática esportiva. O senhor sabe em que torneio da escola ele está participando?
- Hum...! Acho que é futebol. Creio.
- Vejamos. Não! Ele está no torneio de basquete!
- É verdade. Eu me esqueci por um momento. Desculpe!
- Qual o nome completo do menino, o senhor sabe?
- Senhora, como não poderia saber o nome completo do meu filho? A senhora está com ironia?
- Não, senhor. Apenas preciso saber para descobrir sua turma e poder chamá-lo. Afinal de contas temos mais de 3000 alunos na escola.
- Ah, está certo. O nome dele é José Eduardo Peçanha.
-
- OK, vejamos, José Eduardo Peçanha... Ele é o número 25 e está na Turma D14 e sua professora de prática esportiva é Dona Luiza. Vou chamá-lo.

Enquanto aguardava, meu pai refletia sobre a conversa não muito amistosa com a secretária do colégio:

- Puxa vida! Esta eu fiquei devendo para o Edu. Eu não estou sabendo nada de sua vida na escola. Que vergonha! Preciso melhorar o meu papel de pai. Mas, este maldito escritório me rouba todo o tempo! Não, isto é desculpa. Todos os pais trabalham. Talvez eu esteja sendo o pior pai da escola! Credo, não pode ser!

Enquanto seu Jarbas refletia e se condenava em seus pensamentos, ele assistia o entrar e sair de outros pais na recepção:

- Filhote, está confirmado para sábado o jogo entre os pais e filhos?
- Sim, pai. Já fiz a sua inscrição!
- E aí garoto, como foi o jogo hoje? Marcou algum gol?

- Oi, pai, lógico! O primeiro gol foi meu!
- Rafa, consegui encontrar um professor particular para suas aulas de matemática. O cara é ótimo!
- Legal, pai. Eu estou precisando muito. Esta matéria é muito complicada!

Estas conversas mantidas entre os pais e seus filhos serviram apenas para mostrar ao seu Jarbas que ele tinha que reverter esta situação o mais rápido possível. Por um momento, o velho Jarbas ficou deprimido, triste, frustrado, enquanto aguardava a saída de Edu.

Em dado momento, Edu apareceu na grande porta de acesso, acompanhado por alguns colegas de classe.

Seu Jarbas, já abalado moralmente por esta nova realidade que enfrentava, procurou manter alguma conversa com Edu, em uma primeira tentativa de melhor aproximação com ele e seus colegas:

- E aí filhão. Número 25, heim? Escapou por pouco! Ah, ah, ah, ah! Estes são seus amigos da Turma D14? Eles estão no time de basquete também? Como está sua professora Dona Luiza?

Edu e seus amigos olharam para o seu Jarbas como se estivessem vendo um ET, vestindo roupas estranhas, falando coisas estranhas.

Era sábado de manhã e seu Jarbas estava com um bermudão velho azul, com alguns respingos de tinta de parede de sua última pintura da garagem, um de seus passatempos. Ele vestia um camiseta branco e verde vestido por fora da bermuda, com o distintivo surrado do Palmeiras.

Os colegas de Edu saíram rindo, despedindo-se de Edu. Ao longe, olhavam para trás e continuavam falando alguma coisa e rindo.

Edu, parado, olhou para o seu pai.

À sua frente estava a figura de um homem triste e encabulado pela vergonha que o fizera passar. O seu poderoso e culto pai era, naquele momento, uma figura frágil, precisando de ajuda. Edu olhou-o de cima a baixo. Ele notou seus cabelos brancos, sua pele branca de quem não toma Sol e marcada pelas rugas do tempo, suas roupas descontraídas.

Seu pai estava imóvel, parado, sem graça, não sabendo que atitude tomar, quando Edu tomou a iniciativa de falar:

- Vamos, pai, vamos. O senhor está certo! Quase eu fui o 24 da classe! Escapei por pouco. Esta turma da D14 é fogo! Dona Luiza está bem. Mas, tem dificuldades de controlar esta turma. Eles são muito gozadores mesmo. Não, eles não querem saber de praticar esporte algum. Preferem ficar olhando de fora gozando o pessoal. Mas, olhe! Tenho certeza que eles ficaram surpresos de saber que o senhor sabe tudo a meu respeito aqui na escola. Fiquei muito contente com isto! Valeu, pai, valeu!

Edu colocou a mão nos ombros de seu pai, já quase na mesma altura, e, silenciosamente, dirigiram-se ao estacionamento. De vez em quando, Edu olhava para o seu pai, que continuava com uma aparência triste e deprimida, e apertava-o com seu abraço.

Os dois, neste momento, sentiram que, dali para frente, uma nova relação nasceria entre eles, uma nova relação de amizade e interdependência onde um passaria a depender muito do outro. Muito mesmo.

À noite, após o jantar:

- Vera, eu estou precisando parar! Meu tempo está passando depressa e eu preciso aproveitá-lo mais, aproveitar melhor minha família, aproveitar melhor o tempo de criança do Edu. Sinto que não estou sendo um bom pai!

- Pai, deixa disto! Não estou entendendo. Todos nós aqui somos muito orgulhosos de você! Você é um homem bom, trabalhador, honesto, bem sucedido na vida. Tudo o que pensa e faz é pela família. O Edu só tem bons exemplos em você!

- Mãe, estou me referindo que estou indo longe demais em meu trabalho e não tenho muito tempo pela frente. Pelo menos, não tenho muito tempo pela frente com a saúde que vou precisar para acompanhar melhor o Edu. Você sabe o meu pensamento. Não adianta a gente atingir os patamares mais altos de uma carreira, de uma realização, se o filho não chegar lá. Vamos nos sentir um perdedor na vida!

- Pai, não é bem assim. Eu penso um pouco diferente. Cada um tem os seus objetivos e sonhos na vida e deve lutar para alcançá-los. E foi isto que você fez! O Edu vai ter os seus próprios objetivos e sonhos de vida. Nós poderemos ajudá-lo, orientá-lo, mas, vai ser sempre a vontade dele que vai prevalecer e vai guiar no seu destino.

- Mãe, é assim, mas, muitas vezes, não é assim. Os adolescentes e jovens não têm uma definição muito precisa do que querem ser na vida. Eles precisam de uma direção dos pais. Olhe, o Dr. Cláudio fez seu filho outro médico. Veja o caso do Dra. Suzie, sua filha seguiu a mesma carreira de Dentista. O Dr. Dalmir formou dois filhos advogados como ele. Eu trabalhei em uma empresa que já era administrada pela terceira geração. Eu gostaria muito que o Edu seguisse minha profissão e ficasse no comando do escritório de consultoria. Não gostaria de perder uma obra que me levou toda a vida para conquistar!

- Seu Jarbas, seu Jarbas, não conte muito com isto. As crianças hoje têm uma personalidade mais forte e são educados para seguirem suas determinações. Cuidado para não se frustrar!

- É, eu sei. Mas, vou mostrar a ele, com o tempo, a excelente oportunidade profissional ele pode ter trilhando os meus passos. Mas, o que está me preocupando no momento é o fato de estar com uma sensação muito forte que não estou sendo um bom pai. Sou um supridor para as suas necessidades, mas, não um bom pai para ele!

- Querido, não é assim. Você está triste e deprimido pelo episódio que você passou hoje na escola. Mas, isto vai passar. Na verdade, acho que tudo isto decorre do nosso casamento ter acontecido já numa idade não muito convencional. Você com 50 anos e eu com 30! Lembra-se que falamos até em não ter filhos? Mas, graças a Deus, ele nos premiou com o Edu logo no primeiro ano de casamento! Você sempre cuidou do trabalho e eu da administração da casa. É natural que você não tivesse os detalhes a respeito do Edu na escola!

- Minha querida Vera, eu preciso mudar, eu preciso mudar....

Na manhã seguinte:

- Pai, o senhor vai me levar na escola hoje. E o escritório?

- Sabe, filho, o escritório vai ter que aprender a viver um pouco sem mim. Eu entrei agora no caminho final de minha carreira profissional. Aliás, já se foram 44 anos de trabalho. Está na hora de se pensar na aposentadoria e espero que seja logo!

- Nossa, vai ser difícil imaginar o senhor em casa do jeito que o senhor gosta de trabalhar!

- É! Mas, quem sabe um dia você pode me suceder no escritório. Será uma pena transferi-lo para terceiros e perder tudo o que construímos com o nosso trabalho. Sabe, filho, um dia precisamos conversar sobre isto com mais calma. Você em um futuro não muito distante terá que começar a pensar o que você vai ser quando crescer! O escritório é uma excelente oportunidade, uma vez que possa passar minha experiência para você e, principalmente, os meus clientes.

- Mas, pai. Eu não sei se quero ser o que o senhor é. Quando eu vejo o senhor chegar tão cansado, tão estressado, indisposto para conversar e, cansado, dormir logo após o jornal falado da televisão, eu sempre me imaginei fazendo outra coisa!

- Edu, vamos falar sobre isto mais para frente. Por enquanto você deve procurar desenvolver aquelas 20 virtudes que sempre falamos, que o farão progredir e ter sucesso em qualquer profissão e atividade que você escolher - competência pessoal e profissional, dedicação total a um objetivo, esforço pessoal acima da média, estudo contínuo, bom relacionamento com todos, trabalho árduo, persistência para atingir o objetivo, qualidade em tudo que fizer, produtividade acima dos demais, honestidade, ética de comportamento, humildade, bondade, amor, amizade, sentimento religioso, senso de justiça, reconhecimento ao mérito de outras pessoas, entusiasmo e tolerância. A propósito, eu gostaria de participar do torneio de futebol entre pais e alunos do colégio. Ainda tem vaga?

- Pai, eu não vou participar deste torneio, vou participar do torneio de basquete. Mas, se o senhor quiser, posso ver se tem vaga no torneio de futebol.

- Quero sim! Basquete não é o meu forte. Mas, no futebol eu sempre fui um bom centroavante no tempo de adolescente. Marquei vários gols de trave a trave, driblando todo mundo!

E meu pai continuou conversando sobre suas bravatas no futebol de várzea em seus tempos de juventude. Pelo que eu ouvi seus amigos, parece que ele, realmente, foi um craque de futebol. Mas, eu tinha minhas dúvidas agora. Com os seus 62 anos, fora de forma, meio barrigudinho, ele não tinha mais o perfil de um jogador de futebol. Mas, eu não poderia desencorajar o meu pai e procurei saber de uma vaga no torneio.

Com uma viagem inesperada do pai de um amigo meu, eu tive a chance de inscrever o meu pai em sua vaga na equipe de futebol. Em vista da fama que

ele mesmo pregava, ele foi escalado para jogar no ataque e o primeiro jogo já tinha um dia marcado - seria no próximo domingo.

Por ser o dia de inauguração do torneio de futebol, o estádio do colégio estava repleto de alunos e pais. Eu estava, com outros amigos, na arquibancada, próximo à linha do meio do campo, de onde eu tinha uma boa visão da partida.

Claro que estes torneios têm a função mais de integrar pais e alunos do que mostrar técnica de futebol. Isto era verdade, uma vez que, tanto os alunos como os pais, não eram habituais jogadores de futebol, principalmente, os entusiasmados pais. Entretanto, os pais davam de tudo para fazer um bom papel em campo para impressionar seus filhos e os amigos de seus filhos e, tomando posição no campo, lá estava o meu velho pai acenando entusiasmadamente para mim, fazendo o sinal positivo com o polegar para cima. Eu, de longe, respondia com o mesmo sinal, enquanto o juiz soava o apito de início do jogo.

Os alunos começaram um ataque forte e mostravam mais técnica e agilidade. De vez em quando eram barrados pela truculência dos pais, muito mais pelo jeito desengonçado deles jogarem do que por violência espontânea. Em algumas vezes, os pais atacavam, passavam a bola um para o outro, tentando armar uma jogada. Em um destes ataques, a bola parou nos pés de meu pai. Ele assumiu posição de pique de corrida e driblou um, dois, três, quatro e... foi perdendo velocidade, perdendo velocidade e, quando foi driblar o quinto jogador, caiu e ficou no gramado. Faltou-lhe ar, faltaram-lhe pernas.

O técnico do time dos pais, depois que ele se levantou, mudou sua posição de jogar para a defesa. Não demorou muito para o tirarem da defesa, depois que um jogador adversário marcou um gol passando a bola por debaixo de suas gordas pernas. Dali ele foi para o gol e, depois de mais dois gols adversários, o escalaram para ser auxiliar do bandeirinha. Jogo terminado, banho no vestiário, e lá surgia o seu Jarbas com ar esportivo e, de certa forma, realizado, dizendo:

- Que tal filhão? Gostou? Você viu aquele lance? Se eu passasse pelo quinto jogador seria gol na certa! Mas, eu pedi para mudar minha posição. Estou um pouco fora de forma. Apesar de ter entrado três gols eu evitei muitos outros, você viu? Depois, pedi para ajudar o bandeirinha. Ele era muito inexperiente. Estava marcando impedimentos que não existiam.

Eu continuava a animá-lo com o sinal positivo do polegar, mas, já tinha a certeza de que ele não seria mais escalado para o próximo jogo.

- Pai, eu acho que o senhor deveria escolher outro esporte quando quiser participar de torneios na escola. Futebol é um jogo muito violento. O senhor já imaginou quebrar uma perna? Como ficariam os seus clientes?

- Sabe, filho, você tem toda a razão. É isto que eu vou fazer!

Na segunda-feira seguinte, vocês podem imaginar a gozação que foi para cima de mim da parte de meus colegas:

- Edu, sabe quem ligou? O Técnico do Palmeiras. Ele quer levar o seu pai para jogar no Palmeiras!

- Os outros times que se cuidem! Eles vão ter que engolir o seu pai!

Eu já havia aprendido na vida que a melhor forma de se evitar e dar continuidade a uma gozação de colegas é mostrar que você não está sendo atingido por ela. E foi isto que eu fiz!

- Meu pai entrou em campo só para mostrar aos seus pais como se joga bola! Ele já teve convite do Palmeiras e não aceitou! Ele ganha muito mais dinheiro no que faz!

E a situação parou por aí. Quando foram excluí-lo do torneio, ele já havia se adiantado com um pedido de dispensa.

Logo após o torneio esportivo, veio o Dia dos Pais. Normalmente, quase nunca esteve presente. Mas, arrisquei perguntar para minha mãe:

- Mãe, no próximo domingo a escola fará homenagem ao Dia dos Pais. Todos os pais terão que fazer alguma coisa. A senhora acha que o papai irá?

- Claro, Edu. O seu pai está muito empenhado em acompanhar tudo que se refira a você. Afinal de contas, como ele diz, você é a sua obra prima final!

- E a senhora acha que ele vai participar do show dos pais?

- Claro que sim! Seu pai é muito habilidoso e espirituoso. Fale com ele! Como é este show? O que é que os pais têm que fazer?

- Qualquer coisa. Cantar, tocar algum instrumento, contar piada, falar alguma coisa?

- Fale com o seu pai. Com certeza ele encontrará alguma coisa para fazer. Eu tenho certeza de que ele não vai faltar!

Quando falei com o meu pai eu percebi que ele ficou com o rosto pálido na hora. Pensou, pensou, demorou em dar uma resposta, até que:

- Edu, eu não sei. Preciso ver meus compromissos no escritório. Parece que eu tenho agendado a visita de um americano. Se for assim, creio que estarei ocupado com ele.

- Mas, pai, compromisso de domingo?

- Sim, filho. Quantas vezes eu tive compromissos aos domingos. Mas, eu vou ver e depois confirmo, eu confirmo.

Na verdade, eu percebi que meu pai estava querendo ganhar tempo para pensar no assunto e, principalmente, pensar no que poderia fazer no show. Se esta tarefa já não era muito fácil para a maioria dos pais, para o meu pai era um verdadeiro pesadelo!

Comecei a me acostumar com a ideia de que, com muita probabilidade, ele não iria e, como de outras vezes, eu lá estaria sozinho com minha mãe representando meu pai, apresentando uma desculpa por sua ausência a quem me perguntasse. E, como sempre, da professora aos meus colegas de classe, todos perguntariam.

- Falou com o seu pai, Edu?

- Sobre o Dias dos Pais na escola? Falei!

- E aí?

- Ele disse que talvez tenha um compromisso com um visitante dos Estados Unidos. Mas, tudo bem. Deixe-o em paz, mãe. Não podemos forçá-lo a nada!

Meu pai, às vésperas da festa do Dias dos Pais na escola, não prometeu, mas, disse que tentaria fazer com que outro consultor atendesse o visitante internacional.

No dia seguinte...

O colégio estava em festa. Os pais, acompanhados dos filhos, começavam a chegar. Notava-se que muitos deles já estavam preparados para participar do show.

Levavam violões, vestiam roupas de cowboy, traziam tambores e outros instrumentos. Os três primeiros colocados, que seriam escolhidos através de palmas da plateia, receberiam prêmios da escola.

Eu me sentei na terceira fileira do palco e reservei um lugar para o meu pai. Afinal de contas, tinha a esperança que ele aparecesse. A festa começou com as apresentações iniciais da diretora e professoras que organizaram o evento. Os alunos também se apresentaram, ora declamando versos, ora apresentando-se em jogral ou improvisados conjuntos musicais. E, finalmente, chegou o tão esperado show dos pais. Meu pai, muito provavelmente, não viria.

Os pais do Carlão e do Marcos iniciaram imitando uma dupla de música sertaneja. Estavam vestidos com roupas caipiras e chapéu de palha. O pessoal ria e batia palmas. O pai do Luís fez um lindo solo de violão, tendo sido muito aplaudido. O pai do Carlão e a mãe da Sílvia se fantasiaram e imitaram uma cena de novela. Foi muito engraçado! Assim, o show continuava.

Eu, aflito, olhava para todos os lados e não via meu pai, até que um homem apressado vinha pelo corredor vestindo um terno azul, gravata afrouxada no colarinho e com os seus cabelos brancos e longos desarrumados. Ele fazia barulho no assoalho com os sapatos, atendeu uma ligação de celular rapidamente, parando no meio do corredor, roubando a cena do show para e desviando a atenção da plateia. Era o meu pai! Sem dar muita importância a estes fatos, começou a procurar fila por fila, perguntando a algumas pessoas: ‘Sabe onde está o Edu? Ele é o meu filho!’. Diminuindo o tom de voz quando ouvia alguém pedir silêncio. Finalmente, ele me encontrou!

E, para minha surpresa, ele havia se inscrito para participar do show. Depois de várias outras apresentações, a coordenadora chamou pelo meu pai:

- Senhoras e senhores! Chamamos agora o Sr. Jarbas que participará no show no grupo de piadas. Sr. Jarbas, por favor!

- O que? Piadas? Meu pai vai contar piadas? Não pode ser! Eu pensei. Ele não tem jeito para contar piadas. Mas, como era uma surpresa para mim, só me restou aguardar. Este era o meu velho e surpreendente querido pai!

- Para mim é uma satisfação estar aqui neste show. Eu sou o pai do Edu. Olha ele lá na terceira fila! É o meu filho! Bem, eu vou contar algumas. Espero que vocês gostem. Vamos lá!

Eu me encolhi na poltrona, enquanto aguardava o que viria pela frente. E meu pai começou a contar sua seleção de piadas.

❖ No dia das mães a professora pede: Joãozinho, conte uma história que tenha a frase - Mãe só tem uma. Joãozinho contou: Minha mãe pediu para eu pegar dois guaranás na geladeira. Eu tentei obedecer, mas, ao abrir a geladeira, olhei para ela e disse - Mãe... Só tem uma!

Alguns risos, algumas palmas na plateia. Eu, mais encolhido ainda em minha poltrona, me preparava para as próximas!

Meu pai continuou:

❖ Sabendo que seu filho não era chegado em religião, a mãe se espantou ao ver o Joãozinho ajoelhado ao lado da cama, de mãos postas, e perguntou: O que está fazendo, meu filho? Estou rezando para que o rio Amazonas passe pela Bahia. O rio Amazonas passar pela Bahia? Mas, por que meu filho? Porque foi isso que eu escrevi na prova de geografia!

A plateia, mais descontraída com o personagem, ria e batia palmas discretamente.

- Esta é uma de padre! Continuava meu pai cada vez mais animado.

❖ Estava um grupo de crianças e Joãozinho brincando na terra, quando passa o novo padre da cidade e pergunta ao Joãozinho: Meu filho, você sabe qual é o caminho para o Correio? O Joãozinho indicou o caminho e, em seguida, o padre pediu para ele parar de brincar na terra e o Joãozinho respondeu: Vá tomar banho! Então, o padre respondeu: Menino mal criado! Você deveria assistir às minhas missas e eu iria te ensinar o caminho de Deus! E, aí, o Joãozinho: O senhor não sabe nem o caminho para o Correio!

E, para encerrar, meu pai contou mais duas piadas de escola:

❖ A professora pediu ao Joãozinho: Joãozinho, fale três partes do corpo humano que comece com a letra Z. Joãozinho, sem vacilar, respondeu: zoio, zovido e zoreia. Então a professora perguntou: Sabe que nota você

merece? Joãozinho respondeu: Sim, professora. Um zoito! Aí, a professora lhe disse: Não, é um zero!

Ao terminar, uma parte da garotada ria, eu não sabia se era das piadas ou do jeito do meu pai contá-las. Ouviam-se, também, algumas desanimadas palmas dos adultos presentes.

Meu pai, imediatamente, percebeu que suas piadas não teriam muita chance de ganhar algum prêmio e, então, dirigiu-se à plateia e falou:

- Talvez, vocês gostem mais de músicas de gaitas de boca!

Assim, puxou uma gaita de boca monocromática do bolso e, sem uma autorização oficial dos organizadores, começou a tocar e tocou, tocou lindamente músicas de seu tempo, com muito sentimento. Enquanto tocava, o som da gaita de boca enchia o auditório, que fazia silêncio. Agora, sim, o Sr. Jarbas estava no seu lado sério e romântico. Eu nunca tinha ouvido meu pai tocar este instrumento antes. Ao final, foi muito aplaudido, saindo do palco olhando para mim, tentando ver minha reação, fazendo o tradicional sinal positivo com o polegar.

Eu, surpreso com a reação da plateia, respondi com o mesmo sinal, mostrando, com o meu olhar, que tinha gostado. O olhar do meu pai estava como se a plateia estivesse vazia e que somente eu estava sentando em uma das poltronas.

Bem, chegou a hora da plateia julgar, batendo palmas. Um grupo de pais, que imitaram os Mamonas Assassinas, cantando a música da Minha Brasília Amarela foi o mais aplaudido e ganhou o primeiro prêmio. O pai da Clara ganhou o segundo prêmio como tenor, acompanhado ao piano por minha colega. Restava o terceiro prêmio. Um grupo de pais, e lá estava meu pai, se postaram no palco para receber os aplausos, individualmente.

Quando chegou sua vez, a professora Sônia, que dirigia o show, perguntou se ele gostaria de ser julgado pelas piadas ou pela gaita de boca. Antes que ele respondesse, a plateia se manifestou:

Gaita, gaita! E assim ficou e ele foi muito aplaudido pela forma sentimental com que tocou a gaita de boca e pelo fato deste instrumento musical não ser muito conhecido e praticado. E, acreditem ou não, ele ficou com o terceiro prêmio!

Este concurso me deu uma pequena ideia do que o meu pai falou certa vez a respeito do valor do piano e música clássica nos tempos de hoje. No meu julgamento, Clara e seu pai deveriam ficar com o primeiro prêmio de longe.

- Clara, parabéns! Você tocou piano maravilhosamente e seu pai interpretou um tenor muito bem. Parecia até o Pavarotti! Que música era aquela?

- Muito obrigada, Edu! É uma música clássica. Uma Furtiva Lagrima, da ópera L'Elisir d'Amore, de Donizetti e Romani.

Dizendo isto, Clara olhou para mim e me beijou no rosto em um gesto de carinho. Eu fiquei parado, sentindo uma sensação estranha, uma sensação que eu sentia pela primeira vez.

Enquanto ela saía com o seu pai, eu permanecia com a mão encostado ao rosto, impactado pelo seu gesto carinhoso. Interessante o que acontecia comigo com relação à Clara. Na verdade, ela não era uma menina considerada bonita. Mas, tinha um rosto alegre e feliz. À medida que fui conhecendo seu jeito carinhoso de tratar as pessoas e, principalmente, o sentimento que ela demonstrava ao tocar piano, eu fui me encantando por ela e passamos a ficar juntos sempre que podíamos. Meus amigos diziam que eu estava namorando a Clara.

Isto não era verdade. Na verdade, eu nem sabia, ainda, o que era namorar.

- Pai, porque a maioria das pessoas não gosta da chamada música clássica se ela é tão bonita e muitos até a acham muito chata? Eles dizem que as pessoas que gostam de música clássica são metidas e querem, apenas, ser diferentes das outras.

- Edu, como diz o ditado - gosto não se discute. Mas, eu penso que certas pessoas, geralmente dotadas de bom preparo cultural e intelectual, acabam por refinar os seus gostos e sentimentos. Estas pessoas não se satisfazem com músicas, leituras, programas de televisão, jornais, revistas e outras expressões artísticas comuns e, principalmente, as vulgares. Elas refinam os ouvidos e a mente. Apreciam sons mais elaborados, como os das orquestras sinfônicas, do piano, do violino. Não gostam do vulgar. Uma representação artística que caia no vulgar não tem espaço para elas. Geralmente, estas pessoas têm boa formação escolar, um conhecimento amplo da cultura de outros países. Gostam de entender porque os fenômenos acontecem. Assim, elas são mais exigentes em termo de gostos pessoais. Elas apreciam uma leitura que tenha um bom conteúdo, uma boa

música que encante pelos sons de diversos instrumentos, como a música clássica. Pelo seu nível cultural, gostam de processar informações de melhor nível. Eu não concordo que estas pessoas sejam metidas e que querem criar um nível superior às demais pessoas. Não, eu não vejo assim. Trata-se de sintonia de nível cultural e mente mais refinada com músicas mais complexas e mais ricas em sons e letras. Não é verdade que estas pessoas gostem de música clássica ou erudita apenas para serem diferentes e superiores às demais pessoas. De uma forma geral, estas pessoas se comportam desta forma. Desenvolvem um gosto apurado, ou um bom gosto como se diz. Mas, tem um detalhe - eu conheço pessoas que, apesar de não ter um nível cultural elevado, apreciam músicas clássicas, pelo sentimento e beleza que elas lhes passam, como têm pessoas que possuem elevado nível cultural que gostam de música popular. Portanto, não é uma regra geral. O importante é cada um desenvolver sua personalidade e ser fiel aos seus sentimentos e gostos. Esta é uma questão, geralmente, educação familiar. Se uma criança for criada em um ambiente onde seus pais admiram música clássica e as ouve frequentemente, há uma grande possibilidade de adotar este gosto de seus pais. Aliás, esta regra de educação funciona para todos os demais aspectos. Os filhos herdaram o padrão de educação de seus pais, de uma forma geral. Há exceções? Sim, há exceções!

- Entendi, pai, creio que entendi. Mas, por que a maioria das pessoas não gosta de música clássica?

- Edu, se nós pudéssemos colocar todos os seres humanos dentro de uma pirâmide, nós poderíamos separar a pirâmide em vários patamares. Assim, a base da pirâmide teria um patamar maior do que as partes superiores. Esta pirâmide social poderia servir para medir uma série de indicadores, como: a renda da população, o grau de escolaridade, casa própria, etc. Assim, vamos ver na base uma quantidade maior de pessoas com baixa renda, um baixo grau de escolaridade, sem casa própria para morar. Esta divisão da pirâmide vai mostrar, qualquer que seja o indicador, que a informação da quantidade é maior na base da pirâmide e a informação da qualidade é menor nos patamares superiores da pirâmide. E esta divisão serve para muitos outros indicadores. Nos esportes, por exemplo. Na base da pirâmide vamos encontrar esportes mais populares, como o futebol. Na parte superior da pirâmide, esportes mais raros como o golfe. Assim, os que estão na base da pirâmide acham as pessoas que estão na parte superior diferentes, estranhas ou até metidas. Na música, por exemplo, como é o assunto que estamos conversando, na base da pirâmide vamos encontrar um grande número de pessoas que gostam de música popular e nos pontos mais altos da pirâmide, as que gostam de música clássica. Assim, o que não for popular, tende a ter um número bem menor, obviamente. É natural que as

peessoas que estão na base da pirâmide estranham o gosto por música clássica da minoria que está no alto da pirâmide.

- Bem, pai, é um pouco complexo, mas acho que deu para entender.
- E, veja bem Edu, a história mostra que a cultura e os costumes da base da pirâmide, ou seja, aqueles que a grande maioria do povo adota e gosta são os que acabam prevalecendo. É uma regra natural. Assim, os esportes, os programas de televisão, os jornais, etc., estarão sempre focando a maioria da população. Assim, qualquer costume ou cultura que estiver na parte superior da pirâmide será sempre minoria. Há países que conseguiram formar uma base na pirâmide social bem evoluída, com pessoal de boa formação escolar e boa renda.

Outro episódio que me lembro foi por ocasião do aniversário de 15 anos. Eu havia pedido como presente uma comemoração exclusiva com meus amigos em uma lanchonete próxima de casa. Mas, tinha uma condição - eu queria estar só com os meus amigos.

Naquela noite, eu ouvia a conversa de minha mãe com meu pai a este respeito:

- Pai, o Edu fará 14 anos na próxima sexta-feira. Como ele está crescendo? Já está, praticamente, de seu tamanho. Olha, ele pediu um presente especial. Ele quer comemorar com os seus amigos. Sozinho!
- Sozinho, como assim? E nós, não vamos poder participar? E meus irmãos, seus primos?
- Jarbas, claro que podemos fazer a festa de aniversário em casa como sempre fizemos. Mas, ele quer outra com os seus amigos!
- Mãe, veja, são iniciativas assim que fazem os filhos afastarem-se de seus pais. Não vejo isto com bons olhos! Não há nada que se compare a uma festa de aniversário em família!
- Pai, pai. Nos tempos de hoje não é assim. Quase todos os seus amigos comemoram seus aniversários deste jeito. É prático! Além do mais, ele está entrando na idade de valorizar muito os amigos. É a forma que a criança tem de estabelecer valores e paradigmas próprios. Eu acho isto muito importante.

- Vera, Vera. Eu tenho medo. O mundo lá fora está exercendo influências muito negativas na educação dos filhos. Lembre-se, temos um compromisso com a educação do Edu! Hoje é isto, amanhã será outra coisa.

- Senhor Jarbas, é apenas uma comemoração com os amigos. Não vamos fazer uma tempestade em copo d'água!

E esta discussão prosseguiu um pouco mais. Mas, quando eu vi minha mãe chamar meu pai de Senhor Jarbas, eu já sabia que ela estava de acordo e que ele iria acompanhá-la.

Assim, eu passei a ter duas festas de aniversário dali para frente. Uma com os meus amigos, outra em casa com os meus familiares. Eu me sentia bem, com uma leve sensação de liberdade. Mas, o Senhor Jarbas não iria deixar isto acontecer muito facilmente...

Eu consegui reunir 16 amigos, entre eles, Clara. No dia, um salão especial foi reservado no Top Burger e os pais começavam a trazer meus amigos. Todos, com as recomendações de sempre. Pais, neste aspecto, são todos iguais! A lanchonete ficava em uma esquina que dava para uma praça. E, animadamente, começamos a comer. Todos estavam autorizados a pedir o que quisessem. O aniversariante estava pagando. No bolso, eu tinha o dinheiro que minha mãe me dera para pagar as despesas. Era mais do que suficiente. Ela queria que tudo ocorresse bem e que eu fosse feliz com meus amigos.

A festa estava indo bem, até que um vulto de um homem se movimentava de um lado para o outro, escondendo-se atrás das árvores da praça, olhando para a grande janela da sala reservada da lanchonete onde estávamos. Estava frio e ele vestia um agasalho azul escuro com capuz, o que lhe dava uma aparência misteriosa.

Ele, de longe, olhava toda a movimentação na lanchonete e, por algumas vezes, telefonava pelo celular. Em dado momento, para ver melhor, ele se aproximou das árvores mais próximas da lanchonete, fazendo movimentos de lá para cá, levantando-se, abaixando, como um espião. Assim, acabou chamando a atenção de todos os meus amigos, que começaram a acompanhar os seus gestos e movimentos lá fora.

Todos se dirigiram à janela, interrompendo o lanche, curiosos com o estranho personagem, até que ele tirou o capuz para telefonar melhor. O mistério foi resolvido! Lá estava o meu pai. Foi só risadas e gozações de meus amigos.

- E aí, Edu. O seu pai trabalha no FBI?
- Será que ele veio ver quantos sanduíches nós comemos?

Enquanto o grupo continuava na janela e o vulto lá fora procurava se esconder, eu saí sorrateiramente e fui até a praça, surpreendendo-o:

- Pai, que bom você veio para o meu aniversário. Quer entrar? Aceita um sanduíche? Levando um susto, ele respondeu:

- Bem, filho, eu estava só de passagem fazendo o meu Cooper e, quando me dei conta, estava diante da lanchonete. Não poderia perder a oportunidade de ver se estava tudo bem! Não, eu não quero comer nada. Ligue quando você estiver terminado. Eu venho te buscar. Que bom que está tudo sob controle! O seu grupo de amigos é sensacional. Agora me deixe ir que estou com pressa!

E lá foi o Senhor Jarbas, apressado, tropeçando nas guias, para casa.

Eu tinha que entender estas situações melhor do que ninguém. Afinal de contas, eu era filho único e todas as atenções de meus pais, principalmente, do meu pai, se concentravam em mim.

Eu comecei aprender a administrar estas situações, procurando manter boas relações com meus amigos, sem deixar meu pai em constrangimentos e humilhações.

Não era fácil, mas eu ganhava experiência neste sentido. Para os próximos aniversários eu tinha a esperança que ele ficaria mais tranquilo com situações semelhantes a esta.

E, assim, estes tropeços serviam mais que nós fortalecêssemos mais e mais nossa amizade com o passar dos anos.

O tempo continuou o seu curso. Eu comemorei os aniversários de 15 e 16 anos da mesma forma, ou seja, com o meu pai sempre dando um jeito de aparecer. A partir dos 17 anos, eu passei a convidar os amigos mais próximos, em número mais reduzido, para a festa que meus pais organizavam em casa, para alívio e satisfação de meu pai.

Nesta festa eu ganhei um CD que me colocou em contato com músicas mais radicais e de protesto, como foi o caso do CD do cantor Gabriel Pensador.

Eu já tinha ouvido algumas partes destas músicas no rádio, mas nunca me interessei muito.

Mas, quando ganhei o CD tive a oportunidade de ouvir a letra mais detalhadamente e, o que parecia ser algo sem sentido, me levou a concluir que na música popular podemos ter momentos para grande reflexão, principalmente nos aspectos sociais do país, sentimentos e comportamentos do povo, enfim.

Aos 17 anos em senti uma grande mudança em minha personalidade. Eu comecei a ficar, digamos assim, mais rebelde. Queria disputar forças com o meu pai, criar um espaço para mim, conquistar mais liberdade. Eu me sentia que não era mais um adolescente, me sentia já um homem feito. Coloquei brincos, raspei os cabelos nas laterais da cabeça e passei a usar um lenço colorido na cabeça. A minha própria maneira de falar começou a acompanhar a de outros colegas da minha idade. Comecei a me interessar por músicas que de protesto.

No caso do CD que ganhei de presente, particularmente, eu me interessei por algumas delas, cujas letras falavam assim:

Pátria Que Me Pariu
(Gabriel O Pensador / André Gomes)

*Uma prostituta chamada Brasil se esqueceu de tomar a pílula e a barriga
cresceu
Um bebê não estava nos planos dessa pobre meretriz de dezessete anos
Um aborto era uma fortuna e ela sem dinheiro
Teve de tentar fazer um aborto caseiro
Tomou remédio, tomou cachaça, tomou purgante
Mas a gravidez era cada vez mais flagrante
Aquele filho era pior que uma lombriga
Ela pediu prum mendigo esmurrar sua barriga
E a cada chute que levava o moleque revidava lá de dentro
Aprendeu a ser um feto violento
Um feto forte, escapou da morte
Não se sabe se foi muito azar ou muita sorte
Mas nove meses depois foi encontrado, com fome e com frio, abandonado
num terreno baldio
Pátria que me pariu!
Quem foi a pátria que me pariu?!
A criança é a cara dos pais, mas não tem pai nem mãe
Então qual é a cara da criança?*

*A cara do perdão ou da vingança?
Será a cara do desespero ou da esperança?
Num futuro melhor, um emprego, um lar...
Sinal vermelho, não dá tempo pra sonhar
Vendendo bala, chiclete...
Num fecho o vidro que eu num sou pivete
Eu num vou virar ladrão se você me der um leite, um pão,
um videogame e uma televisão
Uma chuteira e uma camisa do mengão
Pra eu jogar na seleção, que nem o Ronaldinho
Vou pra copa. Vou pra Europa...
- Coitadinho! Acorda, moleque!
Cê num tem futuro! Seu time não tem nada a perder
E o jogo é duro!
Você num tem defesa, então ataca!
Pra num sair de maca
Chega de bancar o babaca
Eu num aguento mais dar murro em ponta de faca
E tudo o que eu tenho é uma faca na mão
Agora eu quero o queijo.
Cadê? Tô cansado de apanhar, Ta na hora de bater!
Pátria que me pariu!
Quem foi a pátria que me pariu?!
Mostra a tua cara moleque! Devia tá na escola
Mas tá cheirando cola, fumando um beck, vendendo brizola e crack
Nunca joga bola mas tá sempre no ataque
Pistola na mão, moleque sangue-bom
É melhor correr porque lá vem o camburão
É matar ou morrer!
São quatro contra um (- Eu me rendo!!)
Bum! Clá-clá! Bum! Bum! Bum!
Boi, boi, boi da cara preta
Pega essa criança com um tiro de escopeta
Calibre doze, na cara do Brasil
Idade: catorze; Estado civil: morto
Demorou, mas a sua pátria mãe gentil conseguiu realizar o aborto.*

Esta, então, eu achei um barato. A gente pensa que a pior das condições é morar em uma favela. Mas, a música fala de pessoas que se encontram em uma situação social tão ruim que sonham em poder morar numa favela. É muito verdade!

O Resto do Mundo

(Gabriel O Pensador)

*Eu queria morar numa favela
Eu queria morar numa favela
Eu queria morar numa favela
O meu sonho é morar numa favela
Eu me chamo de cherôso como alguém me chamou
Mas pode me chamar do que quiser seu dotô
Eu num tenho nome
Eu num tenho identidade
Eu num tenho nem certeza se eu sou gente de verdade
Eu num tenho nada
Mas gostaria de ter
Aproveita seu dotô e dá um trocado pra eu comer...
Eu gostaria de ter um pingo de orgulho
Mas isso é impossível pra quem come o entulho
Misturado com os ratos e com as baratas
E com o papel higiênico usado
Nas latas de lixo
Eu vivo como um bicho ou pior que isso*

*Eu sou o resto
O resto do mundo
Eu sou mendigo um indigente um indigesto um vagabundo
Eu sou... Eu num sou ninguém*

*Eu tô com fome
Tenho que me alimentar
Eu posso num ter nome mas o estômago tá lá
Por isso eu tenho que ser cara-de-pau
Ou eu peço dinheiro ou fico aqui passando mal
Tenho que me rebaixar a esse ponto porque a necessidade é maior do que a
moral*

*Eu sou sujo eu sou feio eu sou anti-social
Eu num posso aparecer na foto do cartão postal
Porque pro rico e pro turista eu sou poluição
Sei que sou um brasileiro
Mas eu não sou cidadão
Eu não tenho dignidade ou um teto pra morar
E o meu banheiro é a rua
E sem papel pra me limpar
Honra?
Não tenho
Eu já nasci sem ela
E o meu sonho é morar numa favela*

*Eu queria morar numa favela
Eu queria morar numa favela
Eu queria morar numa favela
O meu sonho é morar numa favela
A minha vida é um pesadelo e eu não consigo acordar
E eu não tenho perspectivas de sair do lugar
A minha sina é suportar viver abaixo do chão
E ser um resto solitário esquecido na multidão*

*Eu sou o resto
O resto do mundo
Eu sou mendigo um indigente um indigesto um vagabundo
Eu sou o resto do mundo
Eu num sou ninguém
Eu num sou nada
Eu num sou gente
Eu sou o resto do mundo
Eu sou mendigo um indigente um indigesto um vagabundo
Eu sou o resto
Eu num sou ninguém*

*Frustração
É o resumo do meu ser
Eu sou filho da miséria e o meu castigo é viver
Eu vejo gente nascendo com a vida ganha e eu não tenho uma chance
Deus! Me diga por quê?
Eu sei que a maioria do Brasil é pobre
Mas eu num chego a ser pobre eu sou podre!
Um fracassado
Mas não fui eu que fracassei
Porque eu num pude tentar
Então que culpa eu terei
Quando eu me revoltar quebrar queimar matar
Não tenho nada a perder
Meu dia vai chegar
Será que vai chagar?
Mas por enquanto*

*Eu sou o resto
O resto do mundo
Eu sou mendigo um indigente um indigesto um vagabundo
Eu sou o resto do mundo
Eu num sou ninguém
Eu num sou nada*

*Eu num sou gente
Eu sou o resto do mundo
u sou mendigo um indigente um indigesto um vagabundo
Eu sou o resto
Eu num sou ninguém
Eu num sou registrado
Eu num sou batizado
Eu num sou civilizado
Eu num sou filho do Senhor
Eu num sou computado
Eu num sou consultado
Eu num sou vacinado
Contribuinte eu num sou
Eu num sou comemorado
Eu num sou considerado
Eu num sou empregado
Eu num sou consumidor
Eu num sou amado
Eu num sou respeitado
Eu num sou perdoado
E também sou pecador
Eu num sou representado por ninguém
Eu num sou apresentado pra ninguém
Eu num sou convidado de ninguém
E eu num posso ser visitado por ninguém
Além da minha triste sobrevivência eu tento entender a razão da minha
existência
Por quê que eu nasci?
Por quê tô aqui?
Um penetra no inferno sem lugar pra fugir
Vivo na solidão mas não tenho privacidade
E não conheço a sensação de ter um lar de verdade
Eu sei que eu não tenho ninguém pra dividir o barraco comigo
Mas eu queria morar numa favela amigo
Eu queria morar numa favela
Eu queria morar numa favela
Eu queria morar numa favela
O meu sonho é morar numa favela*

- O que o senhor achou, pai? Não é legal? Viu como elas falam de problemas sociais graves do Brasil e, de certa forma, são a única voz de pessoas miseráveis e socialmente marginalizadas? Não é bom que os jovens cantem e reflitam sobre isto? Isto não alerta a sociedade?

- Edu, bem, hummm... hummm... ! Eu nunca tinha lido estas letras ou ouvido estas músicas antes. Mas, de certa forma, é impossível negar que elas falam da realidade de como a nossa sociedade trata os desfavorecidos. Legal, gostei! Mas, cuidado! Não vá se desviar de seus estudos!

- Tô ligado, pai! Tô ligado!

À noite, entretanto, eu ouvi de meu quarto uma conversa de meu pai com minha mãe:

- Mãe, eu estou muito preocupado, muito preocupado. Eu não estou nada satisfeito com o que estou vendo no Edu! Na verdade, eu estou apavorado!

- Mas, o que foi desta vez?

- Você não tem percebido? O Edu está diferente e diferente para pior! Passou a usar aqueles ridículos brincos e um espalhafatoso lenço colorido na cabeça. Ele está me enfrentando. Quer sair à noite sozinho com os amigos. Não está dando muita satisfação de sua vida. E, pasme se quiser, está mais negligente com os próprios estudos. Sabe da última? Passou a curtir músicas de protesto, pode? Está usando até gírias!

- Pai, isto é normal. Minhas amigas todas passaram ou estão passando por isto. Os adolescentes têm esta fase de rebeldia e auto-afirmação. Depois, isto passa. É uma idade que temos que ter muita habilidade para conversar com ele para que ele não se afaste. Vá devagar e não deixe de continuar conversando muito com ele. Porém, procure aceitar estas transformações. Isto não dura a vida toda.

- É, mas agora tem uma coisa que você vai perder o sono, com certeza?

- Nossa, o que é?

- Ele disse que quer assistir ao show do Gabriel Pensador. Ele estará no bairro na próxima semana. E agora?

- Não sei. Depois falamos sobre isto. Agora me deixe dormir.

Eu senti que meu pai demorou a adormecer. Eu o vi se levantar por várias vezes. Da minha cama, fiquei um pouco assustado com as conseqüências e com o que poderia vir pela frente. E, na verdade, eu não estava nada disposto a ceder. Sentir uma força irresistível de ganhar o meu espaço.

Meu pai ficou em silêncio por alguns dias e evitava falar comigo. Sentia que procurava evitar um confronto. Até que, um dia, ele rompeu o seu silêncio:

- Edu, como está aquela história do show do Gabriel Pensador?
- Ah, pai, eu estou muito afim. Já combinei com a galera!
- Pois não devia! Não falamos a respeito ainda. Você ainda não está autorizado por mim e sua mãe para ir!
- Pai, eu vou de qualquer jeito. Eu quero ver este show. Não quero parecer careta perante os meus amigos!
- Edu, você está ficando muito estranho, está mudando para pior! Cuidado com esta onda de influência de amigos que não parecem estar muito comprometidos com o futuro. Mas, você está.
- Pai, o que eu estou fazendo de mais? Apenas quero ir a um show ao vivo. Eu nunca fui antes!
- Edu, estes shows apresentam sempre algum perigo. A maioria das pessoas vai lá para se divertir. Mas, há sempre grupos de jovens querendo arrumar confusão e alguns até se drogam em pleno show. Não é um ambiente para você!
-
- Pai, eu estou indo e pronto!

Ao falar isto, meu pai me olhou profundamente nos olhos, ficou mudo e, após alguns segundos, segundos que foram terríveis para mim, ele se retirou, mas, não antes de falar:

- Edu, ouça bem. Na estrada da vida passam milhões de carros e você possui o seu e é o responsável por ele. E você estará sempre na direção deste seu carro. Somente você tem a faculdade de parar, seguir em frente, mudar de caminho, determinar a velocidade. Não tem como outra pessoa dirigir o carro de sua vida para você. Compete exclusivamente a você dirigi-lo pelos caminhos em busca de seu destino, de seu sucesso e de sua felicidade. Será sempre sua escolha dirigi-lo por campos floridos ou levá-lo a abismos. Reflita bem sobre isto! O carro está sob seu comando.

Passamos alguns dias sem falar um com outro. Eu estava muito constrangido com esta situação. Foi uma situação estranha e terrível para mim ao ver o

meu pai não falar comigo. A sensação era de insegurança, de tristeza, de incerteza no amanhã.

Mas, finalmente, o dia do show chegou. O campo de futebol do clube do bairro estava repleto. Pessoas lotavam as arquibancadas e o gramado. Bem no meio do campo fora montado o palco onde o cantor Gabriel Pensador deveria se apresentar. Na galera podia se ver jovens dos tipos mais estranhos e radicais. Roupas de couro, cabelos pintados de várias cores, fitas na testa. Muitas ondas e cada um curtindo a sua onda. Muitos vinham em grupo. Eu estava com os meus amigos Nelson, Renato e Otávio.

Ficamos no gramado, a certa distância do palco onde se podia ver e ouvir muito bem o show. E o show não tardou a começar. As músicas, quase todas do meu CD, foram cantadas e empolgava a platéia que cantava junto, acenava com os braços em um movimento combinado, algumas moças subiam nos ombros dos rapazes. A festa estava muito bonita e contagiante. Eu me sentia jovem e me sentia pertencer àquela geração. Estava tudo indo muito bem, quando uns caras mal encarados, bem no estilo hippie se aproximaram de nós. Fumavam cigarros que exalavam um cheiro diferente e enjoativo. Meus amigos me disseram que era maconha. Começaram a ficar exaltados. Pulavam e dançavam com brutalidade e, muitas vezes, nos empurravam afastando-nos do lugar.

Em dado momento, eu fiquei revoltado e falei:

- Hei, caras! Vê se maneiram! Vocês estão empurrando a gente!

Aí, começou uma série de provocações:

- Ai, ai, olhe o filhinho de papai com bronca!

Outro falava:

- Olhe o brinquinho dele! Pegou emprestado de sua irmã?

Foi quando, sem pensar muito, eu parti para cima dos caras e para a briga. A confusão estava feita. Em número maior e mais violento, eles começaram a nos acertar com murros e pontapés. Comecei a ficar apavorado. Procurava sair e não conseguia. Formou-se uma roda em torno de nós. Ninguém se envolvia, ninguém procurava separar a briga. Nós estávamos levando a pior, quando alguém apareceu e gritou:

- Parem, ninguém vai bater nos garotos!

Aí, eu senti um braço forte e gordo ao redor de meu pescoço, me forçando a sair daquela roda e me tirando da confusão, seguido de meus amigos.

Sabem quem era? Meu pai!

Lá estava meu pai, com um blusão de couro preto, uma faixa amarrada na testa e óculos escuros. Ele apareceu da multidão e, com sua firmeza e sua idade, impôs respeito na gang, que parou de nos agredir e deixou a gente sair.

- Pai, o que o senhor está fazendo aqui?

- Edu, eu não poderia perder este show por nada, depois que você me mostrou as letras!

Esta foi uma experiência válida, mas única em minha vida. Esta foi a primeira e última briga que tive em toda minha vida. Eu devia ter me lembrado das palavras de meu pai:

- Quando você encontrar um valentão, prefira a retirada mesmo que aparentemente vergonhosa. Você ganhará com isto. Cedo ou tarde um valentão vai encontrar outro valentão mais forte do que lhe dará a merecida lição. Retire-se, filho, das situações de risco de briga. Você tem um futuro pela frente e não pode correr o risco de prejudicar este futuro pelo orgulho de lutar por uma causa sem sentido!

Depois eu fiquei sabendo que, no dia seguinte, o meu pai entrou em seu escritório cantando: *'Pátria que me pariu. Quem foi a pátria que me pariu?'*

Esta fase de rebeldia não durou muito, felizmente. Logo eu e meu pai já estávamos nos entendendo novamente. Eu voltei com entusiasmo dobrado aos meus estudos no colégio. O Senhor Jarbas pode respirar aliviado, com a lembrança repetida de minha mãe:

- Eu não falei, pai, que esta fase era passageira! Você não me escuta.

Entretanto, uma coisa eu senti que era irreversível - eu continuaria com o meu desejo de maior liberdade. Dali para frente, meu pai começou a me olhar como um homem e não mais como uma criança. Isto foi bom para nós dois.

Meu pai começava a apresentar seus primeiros problemas de saúde que avançavam à medida que sua idade avançava. Ele se queixava de dores nos

dedos das mãos. Era início de uma atividade reumática. Ele se cansava facilmente, começava a ter problemas para uma caminhada mais longa, subir uma escada.

Mais para frente vieram os problemas de perda parcial da audição e a vista direita começou a apresentar-se turva. E foi assim que eu comecei a me preocupar com sua idade e a ter angústia com o medo de perdê-lo.

Nesta fase ele anunciou sua aposentadoria, seus planos de viajar pelo Brasil e a realização de um sonho de menino:

- Filho, eu vou realizar um antigo sonho de jovem! Eu sempre tive vontade de ter um jipe desde o tempo do famoso Jipe Willys da década de 60.

- Um jipe, pai! Que legal!

- Sim, um jipe! Quando eu tinha 18 anos eu sonhava em ter um Jipe Willys, mas, naquela época, isto era um sonho para pessoas ricas.

Falando isto, meu pai me mostrou uma foto que guardava desde aquela época do famoso Jipe Willys, a paixão impossível de sua juventude.

- E o senhor vai comprar um Jipe Willys antigo, daquela época?

- Não, filhote. Eu vou me dar um presente. Vou comprar um jipe novo e moderno. Veja a foto!

Meu pai me mostrou a foto de um lindo e moderno jipe igual ao que ele compraria.

- Pai, não acredito! Isto é verdade?

- Não só é verdade como estarei recebendo o carro ainda esta semana!

Eu abracei meu pai, dando-lhe os parabéns. Este era o primeiro presente de porte que ele havia comprado para si. Sempre dedicando suas atenções para formar um patrimônio para a família, ele julgou que agora era o momento de fazer, como ele mesmo dizia, uma irresponsabilidade social.

Esta fase do jipe foi muito boa. Meu pai e eu começamos a fazer uma série de passeios a vários parques naturais, como o Petar, Intervalos, Serra da Canastra, Chapada dos Veadeiros, Itatiaia, Serra da Bocaina, Serra da Jureia,

e tantos outros. Era muito divertido e injetava adrenalina em nossos sangues quando pegávamos trilhas com muito barro, buracos ou subidas íngremes. Eu era o co-piloto e tomava conta da planilha com os itinerários a seguir. Eu orientava o meu pai quando virar à esquerda, à direita, quando ir em frente, até chegar ao destino.

Foi uma fase muito boa. O meu pai, desligado de suas atividades profissionais quase que integralmente, era outro homem. Falava, contava histórias do seu tempo de juventude, interessava-se por minhas histórias, e, como era seu hábito, transmitira muita sabedoria, orientação e cultura em todas as oportunidades. Eu fui assimilando estas idéias e experiências de meu pai, o que me influenciou muito na formação de minha personalidade e caráter.

Nestas viagens eu aprendi a amar a Natureza e toda a beleza que ela nos oferece. Ao andar pelas trilhas da Mata Atlântica, eu me encantava com o cantar dos pássaros, o ar absolutamente puro, o barulho dos riachos de águas cristalinas nas pedras, o frescor da mata formada por uma infinidade de plantas que se entrelaçavam em uma harmonia e beleza que somente a Natureza pode criar.

Estes passeios mostraram o quanto eu pertencia a esta Natureza. Parece que a gente traz na alma os laços fortes de nossas origens com a Natureza e com nossos antepassados mais remotos. Eu posso afirmar, sem dúvidas, que esta foi a fase mais gratificante e edificadora do convívio com o meu pai.

O novo jipe mudou por completo a imagem do meu pai perante os meus amigos. Eles achavam o jipe o maior barato e, não raras vezes, pediam carona. Isto trouxe uma alegria extra ao meu pai que passara por tantas frustrações com os meus amigos. Ele se sentia poderoso e rejuvenescido!

Em um destes passeios eu perguntei ao meu pai se ele gostaria de ser jovem novamente. E ele me surpreendeu com a resposta:

- Edu, naturalmente toda a pessoa com certa idade gostaria de poder voltar ao seu tempo de juventude. Mas, não é o meu caso. Durante minha vida eu tive que lutar muito, competir com pessoas poderosas, crescer na vida à custa de muito esforço, sofrimento e dedicação no meu trabalho e, em muitas vezes, até tendo que enfrentar humilhações para aprender. Tive que abandonar a família para, paradoxalmente, sustentar e proteger a própria família. Não, não gostaria de passar por tudo isto novamente. A minha fase agora é, talvez, a melhor fase que estou vivendo em toda a minha vida, apesar dos problemas de saúde que o tempo, infelizmente, premia os mais

idosos. O velho, Edu, é um vencedor, uma pessoa de sucesso e é assim que dever ser visto pelos mais jovens. Eles já chegaram lá, venceram os obstáculos da vida e continuaram mantendo a própria vida. E não foram poucos os obstáculos. Passaram pelos riscos da violência, das doenças, passaram por depressões e frustrações. É assim que eu me sinto. Hoje eu estou mais tranqüilo, sinto-me feliz e em paz comigo mesmo. Deixei para trás todo o lixo inútil que eu mantinha em minha mente e que me davam paradigmas errados de vida. Se um problema antes me estressava ao extremo, hoje eu encaro um problema com serenidade e tranqüilidade. Durmo bem. Sinto-me seguro. Definitivamente, não gostaria de voltar atrás e passar por tudo novamente. Estou usufruindo a paz que somente a sabedoria, conquistada através de muitos anos de vida, dá. E é esta sabedoria que eu e muitos velhos procuram transmitir aos mais jovens. Mas, na maioria das vezes, é infrutífero. O jovem quer passar por suas próprias experiências, por mais dolorosas que sejam. Assim, a sabedoria dos mais velhos nem sempre, ou quase sempre, não é bem vinda.

Eu olhei para o meu pai sem falar nada, apenas mostrando com um olhar o quanto eu havia entendido e aceito este seu pensamento.

Nós apenas divergíamos em um ponto – sobre a minha carreira.

- Edu, você está prestes a completar 17 anos e, já no próximo ano, deverá enfrentar o seu vestibular. Como é, vamos fazer Direito e depois Administração? Lembre-se que um escritório bem sucedido o está esperando!

Eu olhava para ele e apenas respondia:

- Pai, estou pensando. Estou pensando.

Na verdade, eu já havia me decidido por uma carreira diferente da que meu pai planejava e sonhava. Eu queria ser um arqueólogo! Sim! Um arqueólogo. Eu sempre fui um apaixonado pela ciência das coisas antigas, pelo conhecimento dos monumentos da antiguidade e da idade média, das antigas civilizações, descobertas de testemunhos não escritos da história através das escavações. Eu queria entrar em uma faculdade de Arqueologia e, depois, me especializar no exterior, em Londres. Este era o meu objetivo de vida. Mas, como falar para o meu pai sem desapontá-lo. Eu resolvi procurar minha mãe. Dona Vera saberia como lidar com o meu pai neste sentido.

Eu já estava com 17 anos, meu pai com 67 anos, minha mãe com 47 e Clara com 16 anos.

Clara terminara o seu curso de piano. Formou-se uma grande pianista e tinha planos de aperfeiçoar sua técnica na Europa. Nossa amizade transformou-se, como era esperado por todos, em um namoro. Identificávamos-nos em muitos aspectos, principalmente com o piano e músicas de Chopin, que era sua especialidade. e com os assuntos de arqueologia, que ela também gostava.

Meu pai já estava aposentado e havia me transformado em seu principal amigo e companheiro. Ele insistia no curso de Direito e uma posterior pós-graduação em Administração. Mas, não era isto que eu queria para a minha vida. Mas, também, não queria contrariar o meu velho pai. Seus 67 anos pesavam bem em sua aparência. O outrora dinâmico e bem disposto Senhor Jarbas dava sinais fortes de cansaço e desejo de paz e solidão. O jipe já não saía da garagem como antes.

Na verdade, eu nunca aceitei o processo de envelhecimento do meu pai. Achava isto injusto e inglório. Eu queria continuar convivendo com ele nas próximas etapas de minha vida - minha formatura, meu primeiro emprego, meu casamento, meu primeiro filho. Mas, nossa diferença de idade me preocupava muito.

Meu pai se esforçava em melhorar suas condições físicas. Ele caminhava, fazia ginástica, alimentava-se sadicamente, não bebia e não fumava. Procurava manter a mente sempre atualizada. Ele dizia que o corpo começa a envelhecer quando deixamos de utilizar nossos recursos mentais. E, de certa forma, isto funcionava bem para ele.

Até uma academia ela passou a freqüentar para exercícios aeróbicos e musculação. Ele estava animado com estas novas atividades. Assim, além de suas caminhadas, passou a incorporar alguns exercícios de musculação.

Minha mãe retomou o assunto sobre minha opção de carreira:

- Edu, fale com o seu pai aberta e francamente a respeito de suas opções de vida. Ele vai compreendê-lo. Com certeza, insistirá na idéia para que você siga a carreira que ele seguiu. Mas, procure mostrar-lhe o que você realmente quer para a sua vida, disse mãe.

Alguns dias depois, minha mãe procurou preparar o espírito de meu pai para a minha conversa:

- Pai, o Edu vai lhe procurar para conversar sobre os seus planos de vida. Procure ser compreensivo com ele. Lembre-se que a vida é dele e a ele cabe decidir como ser feliz. Promete?

- Mãe, eu já estou preparado para isto. Em nenhum momento eu percebi entusiasmo do Edu para seguir os meus passos na carreira profissional! É uma pena no sentido mais materialista do dinheiro que ganhamos e pelo fato que o escritório de consultoria não terá continuidade ao nível da família. Foram anos e anos de lutas e sacrifícios e tudo estará perdido. Vou considerar a possibilidade de vender o escritório para o Rogério. Ele sempre foi o meu braço direito lá.

- Pai, este foi o seu sonho e você teve sucesso e foi um campeão em conseguir realizá-lo. Fique com esta paz e realização em seu coração!

- Eu sei querida, mas, não é nada fácil. Mas, mais cedo ou mais tarde eu teria que enfrentar esta situação. Vou falar com o Rogério a respeito de sua carreira no escritório. Quem sabe ele pode, definitivamente, ser o meu sucessor.

Minha conversa com meu pai foi muito mais fácil do que eu podia imaginar. A conversa que minha mãe teve com ele preparou o terreno para sua compreensão.

- Pai, eu já me decidi a respeito da minha carreira! Vou fazer a faculdade de Arqueologia. Vou me inscrever no vestibular da USP. Sei que este não era o seu plano, mas, procurei fazer uma opção que, tenho a certeza, me fará mais feliz!

- Filho, você sabe que isto não dá dinheiro ou, pelo menos não dará o dinheiro que você poderia ganhar se continuasse com o escritório de consultoria.

- Mas, pai, eu não estou em busca de ganhar dinheiro. Eu quero me especializar em arqueologia, ter a glória de fazer descobertas arqueológicas, principalmente no Brasil onde estas atividades são muito incipientes, ainda. Eu quero somar os conhecimentos nesta área com o meu trabalho. Isto para mim será a maior riqueza. Eu quero o dinheiro apenas para sobreviver. Minha riqueza estará na arqueologia!

- Mas, filho, você vai querer morar em uma boa casa, ter um bom carro, constituir família, ter filhos. Tudo isto precisa de muito dinheiro!

- Oh, paizão. Eu não estou preocupado com isto. Vou viver o padrão que a arqueologia me possibilitar. Eu e a Clara estamos namorando. Ela pensa da mesma forma. O mundo para nós será cada vez mais espiritual e não material E, se um dia nos casarmos e tivermos filhos, será assim que vamos viver.

Meu pai fixou um olhar profundo em mim e seus olhos lacrimejaram. Por um momento, senti que ele estava muito orgulhoso de mim, por minha autenticidade e personalidade. Parece que havia compreendido minha missão.

- Filhote, OK, vá em frente! Pensando bem, quem disse que eu fui plenamente feliz no que fiz? Porque iria querer isto para você! Vamos ver sua inscrição no vestibular da USP. Como a Natureza não seria completa sem o cantar dos pássaros, da mesma forma a Humanidade não seria completa sem o som da música proporcionada pelos músicos. Meu pai costumava me dizer as *Chaves do Sucesso: Faça algo que seja útil e importante para a humanidade, porém, algo especial que não seja de domínio geral. Procure ser, entre os que escolheram o mesmo campo que você, o melhor. Desenvolva-se e aprimore-se continuamente! Aumente sempre sua vantagem competitiva. Tenha paciência em obter os resultados. Não queira resultados de curto prazo. A semente tem que se lançada nos campos aos poucos, mas a colheita será cada vez maior com o passar do tempo. Quando atingir o sucesso, mantenha as mesmas qualidades e virtudes dos primeiros dias. Não mude a sua maneira de ser que o levou ao sucesso. Não desvie do caminho escolhido. Com o passar do tempo você estará tão longe que dificilmente será superado. O tempo te premiará!* Este pensamento se aplica, também a você. Procure lembrar-se dele!

Dali para frente, eu vivi um período de paz espiritual em minhas relações com meu pai e eu sentia que a recíproca era verdadeira.

O tempo passava, a vida passava. Eu já estava no 3.º ano da Faculdade de Arqueologia da USP e me aprimorava. Fazia planos para uma especialização em Londres. Clara já estava lá e haviam se passados dois anos. A nossa saudade era muito grande. Somente nos víamos duas vezes por ano, nas férias de julho e por ocasião do Natal e festas do ano novo. Apesar da distância, o nosso compromisso era muito grande. Tínhamos tudo em comum, as linhas de nossos destinos se cruzavam. O alívio vinha no contato diário no chat da Internet, onde cada um repassava tudo o que ocorrera durante o dia e, principalmente, reafirmava seus sentimentos. Eu a amava muito e sentia que ela também me amava muito.

Entretanto, em dia normal, em uma aula normal, em uma rotina normal, meu celular tocou para uma triste notícia - meu pai havia sido internado para uma cirurgia de emergência após um grave acidente vascular encefálico, de grande extensão. Corri para o hospital, lá encontrando minha mãe que procurava me tranquilizar:

- Edu, está tudo sob controle. Seu pai fará agora uma cirurgia. Vamos continuar com nossa esperança que tudo dará certo. Os médicos estão confiantes na cirurgia.

- Mãe, eu não quero perder o papai! Eu não quero!

Meu pranto durou vários minutos. Chorando, sentado abraçado à minha mãe, eu temia pela vida do meu pai, meu maior amigo e companheiro. Eu tinha muitos planos pela frente e queria que ele vivesse todos estes momentos comigo.

Na sala de cirurgia, as horas se prolongavam sem notícias. Como procurando o perdão do meu pai, eu repassei para a minha mãe os momentos em que o aborreci e o magoei.

- Edu, fique tranqüilo neste aspecto. Seu pai sempre se orgulhou de você e, em nenhum momento, ele me falou a respeito de alguma mágoa que tenha ficado de suas relações com ele! Você é a sua obra prima, como ele sempre gostou de falar, e assim será por toda a vida. Se Deus quiser, tudo ocorrerá bem com ele e o teremos, ainda, por muito tempo.

A recuperação da cirurgia foi lenta e não estava a nível satisfatório como todos gostariam. O A.V.E. deixou sérias marcas. Meu pai mal conseguir falar.

Em minha visita à U.T.I. do hospital, pude conversar com o meu pai e revelar-lhe o quanto eu o amava e o quanto ele era importante para mim e para a mamãe. Disse-lhe o quanto eu gostaria que ele me acompanhasse nos principais momentos de minha vida que, com toda certeza, viriam. Ele ouvia com um olhar sereno e terno. Não sofria dores. Mas, estava definhando rapidamente.

Da U.T.I. ele podia se ver os jardins do hospital, onde um bosque formado de Ipês Roxo em floradas dava um grande espetáculo da Natureza. Neste momento, ele acompanhou meu olhar pela janela em direção ao bosque dos Ipês Roxo e disse, com muita dificuldade, quase balbuciando as palavras:

- Filho, você está vendo aquele bosque de Ipês?
- Sim, pai, ele estava me chamando a atenção por sua beleza!
- Observe a lição de vida que este bosque está nos dando!

Eu olhei em direção ao bosque sem descobrir de imediato a lição de vida que meu pai se referia e ele continuou:

- Veja bem. No bosque temos Ipês de vários tamanhos, todos procurando o seu lugar ao Sol. O Sol é vida para as árvores. Através dele, elas podem florir e gerar suas sementes perpetuando, assim, a sua espécie. Crescer em busca do Sol é uma questão de sobrevivência para elas. Mas, note bem que as mais novas têm o tronco fino e uma pequena copa cujas folhas procuram desesperadamente o Sol. Estas estão em fase de crescimento e estão em desvantagem nesta competição. Já as mais velhas têm os troncos mais grossos e uma copa bem mais larga, uma vez que recebem mais raios do sol. Agora veja aquele Ipê majestoso, o maior de todos, o mais velho. É ele que possui a maior copa de galhos e folhas. É ele que possui a maior quantidade de flores, conseqüentemente, irá gerar as melhores sementes para a árvore. Entretanto, observe o seu tronco. Veja como ele já está com muitos parasitas e se apresenta com diversos buracos que o estão deteriorando. Muito em breve ele sucumbirá à idade e cairá. Ao cair, ele estará abrindo um grande espaço para os demais Ipês menores conseguirem mais luz do Sol e crescerem fortes e saudáveis. Mas, enquanto isto não acontece, ele está usufruindo a melhor luz do Sol, ocupando o maior espaço para a sua copa, está dando as melhores flores e gerando as melhores sementes. Ele está vivendo o seu momento maior de glória em toda a sua vida. A vida é assim para todos os seres vivos, meu filho. A vida é assim. Neste momento, eu estou me sentindo, também, no momento maior de glória por ter gerado um filho como você e pelas palavras de carinho que acabou de dizer! Lembre-se sempre da mensagem transmitida pelo bosque dos Ipês, meu filho!

Cansado, meu pai virou-se para o lado e adormeceu para sempre, encerrando minha curta visita ao meu velho pai, encerrando sua curta passagem por esta vida.

Os anos se passaram.

Era o grande dia da minha estréia como apresentador em um congresso nacional sobre arqueologia no Brasil. Eu iria apresentar as descobertas que fiz em escavações na Serra da Capivara, nos ricos sítios arqueológicos do

Piauí O auditório estava repleto. Eu havia reservado três lugares para minha família, na quarta fileira. Do palco, eu podia ver minha mãe Vera, Clara, tendo entre elas um assento vazio reservado ao meu pai.

Eu sabia que, espiritualmente, ele estaria presente a este importante acontecimento de minha vida, pelo qual lutei por muitos anos, enfrentando todos os desafios.

Ao final de minha apresentação, todos aplaudiram muito. O Coordenador do Congresso solicitou que eu me levantasse para o público aplaudir em homenagem especial. Neste momento, eu comecei a chorar. Chorava de alegria e felicidade por este momento, chorava de tristeza pela ausência de meu pai.

Quando eu olhei para minha mãe e Clara, pude sentir meu pai em sua poltrona ao lado delas levantando, com um sorriso de imensa felicidade, o dedo polegar para cima, o seu tradicional gesto de positivo e eu retribuí com o mesmo gesto.

O meu pai foi sempre o grande ausente nos principais acontecimentos de minha vida - minha festa de minha formatura, minha viagem para Londres, minha estréia como arqueólogo, meu casamento com Clara e o nascimento de meu filho.

Eu sentia profundamente a ausência do meu pai nestes momentos, como sentia sua ausência todos os dias que vivi desde então. Esta ausência tirava em muito o brilho destes momentos tão importantes na minha vida e que tanto sonhara compartilhar com meu pai.

Mas, eu sentia sua presença o tempo todo, ouvia seus conselhos e lia seus pensamentos. Vocês sabem de uma coisa? Eu descobri que pais nunca morrem.

Eles passam a fazer parte de nossa própria existência. Às vezes me vejo falando do seu modo, comportando-me do seu jeito, usando as mesmas expressões faciais e a sua maneira de falar. É uma presença espiritual, mas muito forte e diária.

Este é, talvez, o maior consolo que Deus nos dá para poder suportar a falta de pessoas que amamos muito, como a falta que eu sentia de meu querido e saudoso pai.

FIM